

**JOVENS, ATENDEI AO VOSSO DEVER DE PROTEGER A PÁTRIA...  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A GUERRA EM REVISTAS ESTUDANTIS (1942-1945)**

YOUNG, ASSIST TO YOUR DUTY OF PROTECTING THE MOTHERLAND...  
REPRESENTATIONS ABOUT THE WAR IN STUDENT MAGAZINES (1942-1945)

JÓVENES, ATENDE A VUESTRO DEBER DE PROTEGER LA PÁRTICA ...  
REPRESENTACIONES SOBRE LA GUERRA EN REVISTAS ESTUDIANTE (1942-1945)

*Wanderson Ramonn Pimentel Dantas (UFPI)<sup>213</sup>*

**Resumo:** A pesquisa propõe abordar da representação da guerra por meio das revistas A voz do estudante e Zodíaco. No primeiro momento, analisamos a tessitura dos discursos. Desse modo, procuramos problematizar os discursos ao enfatizar a relevância da guerra para a construção do nacionalismo e de que formas os secundaristas orientados pelos intelectuais piauienses contribuíram para a mobilização ao ressaltar ideias como as de pátria, família, nação e símbolos marciais. Por outro lado, sintetizamos o problema da mobilização em relação direta o serviço militar, de modo que não refletiu diretamente aumento número de alistamentos. Afinal, eram esses jovens que tanto enfatizaram os valores do Estado Novo durante a Segunda Guerra Mundial.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial. Juventude. Revistas.

**Abstract:** The research intends to approach of the representation of war through the magazines “A voz do Estudante” and “Zodíaco”. In the first moment, we analyzed the organization of the speeches. This way, we tried to problematize the speeches when emphasizing the relevance of the war for the construction of the nationalism and that form the secundaristas guided by the intellectuals piauienses contributed for the mobilization when emphasizing ideas as the one of homeland, family, nation and martial symbols. On the other hand, we synthesized the problem of the mobilization in direct relationship the military service, so that it didn't contemplate directly increase number of enlistments. After all, they were those young ones that so much emphasized the values of the New State during to Second World War.

**keywords:** Second World War. Youth. Magazine

**Resumen:** La investigación propone abordar la representación de la guerra a través de las revistas La voz del estudiante y Zodiaco. En el primer momento, analizamos la tesitura de los discursos. De este modo, intentamos problematizar los discursos al enfatizar la relevancia de la guerra para la construcción del nacionalismo y de qué formas los secundarios orientados por los intelectuales piauienses contribuyeron a la movilización al resaltar ideas como las de patria, familia, nación y símbolos marciales. Por otro lado, sintetizamos el problema de la movilización en relación directa al servicio militar, de modo que no reflejó directamente aumento número de alistamientos. Al final, eran esos jóvenes que tanto enfatizaron los valores del Estado Nuevo durante la Segunda Guerra Mundial.

**Palabras clave:** Segunda Guerra Mundial. La juventud. Revistas.

## INTRODUÇÃO

*A natureza arma a juventude para o conflito com todos  
os seus recursos sob seu comando.*

G. Stanley Hall

---

<sup>213</sup> Discente do curso de licenciatura em história pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Recentemente, exercia pesquisa para o Programa de Iniciação Científica – PIBIC, pesquisando a questão da formação dos Estados Nacionais, Memória e Conflitos Contemporâneos, orientado pelo Prof. Dr. Johny Santana de Araújo. E-mail: wandersonrpd@gmail.com

Em 1942, em meio aos afundamentos das embarcações da Marinha Mercante no litoral brasileiro, Getúlio Vargas declara Guerra ao Eixo. Após dezembro de 1941 a crescente pressão dos EUA decorrente de Pearl Harbor, confluíram numa rede de fatores conduziu o governo brasileiro ao inevitável. Questões sociais, econômicas e militares pesaram para que o fatídico 22 de agosto se concretizasse.

O envolvimento popular e estudantil da UNE – União Nacional dos Estudantes –, no Rio de Janeiro e em São Paulo apresentam-se como para alguns historiadores como fator pesado à medida de abandonar a neutralidade.<sup>214</sup> Gritou-se a plenos pulmões nas ruas pela guerra o grito de guerra bradado nas ruas. O Exército Brasileiro precisou de todos homens em idade militar para empunharem armas em defesa da Pátria. O clima de guerra no atlântico continuava. O território brasileiro, simultaneamente, sofreu com os taciturnos *raids* dos *U-boots* da *Kriegsmarine*. Mediante esse contexto, foi necessário ao Estado Novo utilizar estratégias para poder atingir o ideal de mobilização militar desses jovens.

O universo das revistas estudantis apresentou-se como uma ferramenta importante para mobilização dos jovens para a guerra. No entanto, vale ressaltar que não foi a única. Mas, de modo bem prático, a revista também se põe nesse arcabouço de meios, como distinguiu Clarice Helena Santiago Lira:

Grupos de estudantes promoviam passeatas e manifestações nas avenidas e praças. O coreto da Praça Rio Branco, após a missa dominical na Igreja Nossa Senhora do Amparo, era constantemente usado para tais proclamações e bravatas.<sup>215</sup>

Essa reflexão mostra que a manifestação dos estudantes não ficou reservada somente às revistas. O próprio exemplo do envolvimento da UNE no contexto da guerra confere

---

<sup>214</sup> Muitos autores apresentam essa versão do clamor social pela guerra, como Joaquim Xavier da Silveira, que aponta que foi preponderante. O fato de a turba de pessoas ter direcionando-se com palavras de ordem para o Catete, está entre o consenso de alguns autores como João Falcão e Ricardo Bonalume Neto. Boris Schnaiderman, por outro lado citará: “havia um grande desalento, não havia entusiasmo. Os jornais falavam e usavam aquele palavreado bonito, ‘vamos à luta’ ou ‘lutar pela democracia’, mas como o povo poderia ter algum entusiasmo? Lutar pela democracia saindo de um país dominado por uma ditadura feroz? Então iria-se lutar pela democracia para os outros enquanto que, no país, reinava aquela ditadura? E, mais ainda, o próprio governo de Getúlio, pouco antes de aderir aos aliados, na realidade, estava orientando-se no sentido dos países do Eixo [...] o povo não poderia mesmo ter nenhum entusiasmo, era impossível. Os estudantes indo à rua, o quebra-quebra das lojas de italianos, de alemães, de japoneses, tudo aquilo, era muito superficial”. SCHNAIDERMAN, Boris. *Minha guerra: lembranças de um soldado*. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã; USP; FFLCH, 1995. p. 285; cf. SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. São Paulo: Nova Fronteira, 1989; FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado**. Brasília: UNB, 1999; BONALUME NETO, Ricardo. **A Nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1995.

<sup>215</sup> LIRA, Clarice Helena Santiago. **O Piauí em tempos de guerra: mobilização local e as experiências dos contingentes da FEB**. Dissertação. 159p. Teresina. UFPI, 2008.

demonstrações do fato. No entanto, vale ressaltar que a forma como as revistas procuraram dinamizar tais ideias, tornou-se algo muito mais localizado na instituição de educação do que a uma livre iniciativa. Desse modo, ela não escapou às medidas coercitivas dos dirigentes do Estado Novo. Pelo contrário, ela procurou confluir suas ideias.

#### COMO DEVEMOS CONDUZIR A GUERRA? AS REVISTAS “VOZ DO ESTUDANTE” E “ZODÍACO” NO ESFORÇO DE MOBILIZAÇÃO

A revista *Voz do Estudante*<sup>216</sup> foi editada pelo Grêmio Literário “Da Costa e Silva” e vinculou-se ao Ginásio Leão XIII<sup>217</sup>. A revista foi dirigida por Amado Bucar. Ela, de certo modo, representou o âmago da cultura letrada do ginásio secundarista. O contato desses estudantes com a elite intelectual piauiense caracterizou-se como intrínseco. Desse modo, é bastante comum identificar a participação desses em pequenas crônicas e na publicação de discursos proferidos em dias chave para a memória piauiense ou brasileira. Contudo, havia uma grande quantidade de discursos e de crônicas dos estudantes e muitas delas confluíram com os interesses políticos do regime.

Em setembro de 1942, foi divulgada uma pequena crônica de Valdemar Sandes comemorando o 7 de setembro. O posicionamento político exposto ressalta questões que põe o Estado Novo na regularidade democrática. Basta lembrarmos que a representação da crônica está de acordo com a inclinação do Brasil na guerra, lutando do lado dos Aliados. Desse modo, ele esclarece que “governo de 1937 tem o aval popular”.<sup>218</sup> A partir dessa ideia, ele deixa claro que o brasileiro deve servir no exército para a defesa da pátria, porque estariam lutando do lado certo. Ele afirma a grandiosidade do Exército Brasileiro e sua tarefa hercúlea de salvaguardar a pátria da ameaça nazista ao lado das democracias e URSS<sup>219</sup>.

A representação dos valores de Pátria, Deus e Família constantemente estiveram engendradas no discurso. Tais ideias fazem parte das astúcias estratégicas que o DIP elaborava para pôr a cultura à serviço de reforçar valores do Estado. Corroboramos com Maria Helena Capelato quando, à guisa da representação, afirma que a “[...] cultura foi entendida como suporte da política e, nessa perspectiva, cultura, política e propaganda se mesclaram”.<sup>220</sup>

<sup>216</sup> A revista encontra-se disponível para leitura no Arquivo Público do Piauí.

<sup>217</sup> Inclusive, a título de curiosidade, o historiador Odilon Nunes foi docente dessa escola secundarista.

<sup>218</sup> SANDES, Valdemar. 7 de setembro. In: **A voz do estudante**, Teresina, 1942, p. 1. Arquivo Público do Piauí.

<sup>219</sup> Interessante ressaltar que o governo getulista não conferia apoio à URSS. No entanto, isso não impedia que não houvessem discursos de apoio aos soviéticos. Ver mais em: FALCÃO, João. Op. cit.

<sup>220</sup> CAPELATO, Maria Helena. Estado Novo: o que trouxe de novo? In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge; et al. **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 125.

Na leitura da revista, foi possível encontrar algumas palavras do Major José Figueiredo Lôbo, comandante do 25º Batalhão de Caçadores. Na íntegra, ele retrata:

O vosso comandante ao saber que a vossa presença em seu quartel é questão de horas, apressa-se em apelar para vossa consciência no sentido de vos pedir o maior respeito e acatamento ao regimen disciplinar que ides suportar em benefício da missão que vos cabe como soldado, de vos aconselhar a uma elevação de espirito e de pensamento concordes com o momento, congregando o melhor do vosso sentimento em benefício da colectividade que vae acolher-vos com o maior entusiasmo e carinho, de envidar vosso esforço na direcção mais proveitosa que a orientação dos vossos chefes imprimir ao cumprimento exato do nosso dever cívico.<sup>221</sup>

O trecho anterior é circunstancial para a compreensão dos secundaristas nesse momento. O que chama atenção é que além de reforçar o dever cívico, ele também deixa claro que o estudante não fuja à sua missão como soldado. O que ele quis dizer com o reforço dessa condição? Queria dizer que eles não respondiam ao “tributo de sangue”? Geralmente, muitos deles utilizavam-se de táticas para fugir do destino estratégico definido pelo major. Ao longo do texto, ele também é enfático porque procurou construir uma imagem da caserna como extensão da família, procurando apelar a sentimentos mais afetivos. A ideia não é despretensiosa, justamente para responder as perguntas que endereçamos anteriormente e, que, procuramos responder com um provável por que de um sentimento antimarcial na esfera secundarista.

Essa construção não é fruto daquele momento, como Jon Savage explicitou. Para o autor, essa ideia vinha sendo semeada anteriormente a Primeira Guerra Mundial quando analisa o contexto da juventude europeia:

Com a aproximação do prazo final para o novo século, os decadentes nacionalistas travaram entre si uma luta para imprimir as suas visões do futuro na juventude europeia. A batalha poderia ter sido tão mortal quanto foi desigual, mas ambos os lados tinham em comum um romantismo que enaltecia a juventude, congelando-a no seu zênite.<sup>222</sup>

Desse modo, os discursos procuraram contribuir com a construção de uma juventude imolável, do sagrado dever do jovem de dar sua vida pela pátria. Essa construção não é algo que surgiu somente durante o período. Pelo contrário, é algo que se adapta às condições oferecidas pelo momento. Erich Maria Remarque no romance *Nada de novo no front*, apropinqua-se à prerrogativa da “juventude de ferro” defendida pelo personagem-professor

<sup>221</sup> LOBO, José Figueiredo. Reservista. In: **A voz do estudante**, Teresina, 1942, p. 3. Arquivo Público do Piauí.

<sup>222</sup> SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 39.

Kantorek à personagem Paul Baumer.<sup>223</sup> São dois momentos distintos, mas a ideia parte de uma mesma prerrogativa: os jovens piauienses seriam a nossa “juventude de ferro”, havida pela defesa da pátria em perigo.

Além do mais, podemos explicar o papel das publicações pelo viés político. Noutro momento, Johny Santana de Araújo analisou a Guerra do Paraguai por meio dos periódicos e constata pelo viés político a questão da guerra como momento utilizado para o fortalecimento e engajamento de uma ideia do sentimento nacional.

Nas guerras, a produção de discursos exultantes e magnificantes, a respeito dos objetivos a atingir e dos frutos da vitória procurada, é uma condição de possibilidade da própria ação das forças envolvidas e justificativa das decisões, sejam elas corretas ou equivocadas. Não é possível separar os agentes e seus atos dos discursos que eles têm de si próprios e dos inimigos.<sup>224</sup>

Desse modo, os discursos são dispostos à apropriação. Sem falar, que eles não se furtavam somente a representar os valores marciais. A confluência nas representações também foi identificada na revista *Voz do Estudante*, encontramos também uma publicação relacionada ao “Bônus de Guerra”<sup>225</sup> cuja propaganda almejava “engrandecer à indústria bélica brasileira”, em vista à necessidade de obter recursos financeiros para formar a Força Expedicionária Brasileira. Afinal, quem contribuiu com o Bônus, este atinado com o esforço de guerra brasileiro, com um objetivo por trás: a fabricação de armas para a guerra.

O Brasil àquela altura não detinha uma indústria bélica e, isso é um fator que torna nossos armamentos estrangeiros antiquados para àquela guerra. Dessa forma, isso gerava uma certa dependência de outros estados fornecedores. A guerra foi um fator complicador dessa questão. A grande maioria dos armamentos utilizados pelo Exército era de origem alemã. A declaração de guerra findava qualquer negócio. O mercado possível para os brasileiros seria os norte-americanos.<sup>226</sup>

Na *Voz do Estudante* comemorou-se o aniversário de guerra do Brasil com o eixo, em 22 de agosto de 1943. Em um trabalho apresentado por Bernardino Soares Viana da 4ª Série, representa o pacifismo dos brasileiros. Além disso, ele também registra uma atenção importante para os valores cristãos da sociedade brasileira.

<sup>223</sup> REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Trad. Helen Rumjaneck. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 14.

<sup>224</sup> ARAÚJO, Johny Santana de. **Bravos do Piauí! Orgulhai-vos...** a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai, 1865-1866. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2015. p. 21.

<sup>225</sup> PIAUÍ. Campanha do Bônus de Guerra. In: **A voz do estudante**, Teresina, 1943, p. 1. Arquivo Público do Piauí.

<sup>226</sup> MCCANN JR, Frank D. **Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945**. Trad. Jayme Taddei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995.

Somos amigos da paz, como intransigentes em se tratando dos virtuosos preceitos de nossa honra e de nossa dignidade. E não admitimos, e não aceitamos, mesmo com o sacrifício da própria vida, uma paz que deixe no nosso íntimo uma mágoa de um sofrer, a mancha da covardia. O nosso espírito de entusiasta nos conduz a esse campo e o carinho da incentivadora voz feminina nos eleva e nos queima com a flâmula ardente do patriotismo.<sup>227</sup>

Afinal, quem seria essa voz feminina, senão a voz da Pátria? A representação do patriotismo ressalta tal simbolismo. Afinal, como já referimos antes, esses interlúdios entre os valores da família e pátria, eram bastante comuns, de modo que o assim conseguissem almejar o objetivo de fortalecer e defender os valores da família.

Em outro espaço, o *Zodiaco*<sup>228</sup>, semelhante à anterior publicou e exerceu também função na mobilização. Ela pertencia ao Centro Cultural “Lima Barreto”, ligada ao Ginásio “Demóstenes Avelino”. Houve um diferencial que percebemos nas informações sobre a revista: ela apresentou um militar no corpo docente, o sargento Adelino de Almeida Melo. Sua função não era desprezível porque o ginásio incluía no corpo didático a instrução pré-militar.

No aniversário do Ginásio, o professor de história Waldir Gonçalves proferiu um discurso cujos vocábulos dispunham de palavras patrióticas, envolvidas de civismo sobre a forma de ensino da instituição. Provavelmente, ele ainda procura animar a mocidade brasileira – piauiense – a agir no momento difícil para atender ao chamado da pátria.<sup>229</sup>

Há algo a enfatizado: como ressaltou-se anteriormente, a elite intelectual principalmente ligada a Academia Piauiense de Letras esteve em contato com os secundaristas, Moura Rêgo foi um deles. No discurso publicado em comemoração à abertura de uma segunda frente na guerra<sup>230</sup>, exortava palavras de elogios às democracias pela iniciativa tomada para a derrota do nazismo. O discurso dele apresentou um aspecto maniqueísta de demonização do nazismo. Na íntegra, ele falou de forma que pôs as democracias ao lado – junto delas, o Brasil – do bem e o nazismo como a representação da maldade.

A luta, meus Senhores, deve ser tremenda! Mas é preciso que assim seja para que maior seja a vitória. É preciso que assim seja, porque, como sabeis, não haverá vitória sem luta, e quanto mais fôr esta, maior será aquela! O certo, indiscutível é que a vitória será nossa, porque a nossa luta é a luta do bem contra o mal, da ordem contra a anarquia, da civilização contra barbárie, de Deus contra o demônio!<sup>231</sup>

<sup>227</sup> VIANA, Bernardino Soares. Trabalho apresentado na sessão do dia 22 de agosto realizada pelo Grêmio Literário “da Costa e Silva” em comemoração à passagem do primeiro aniversário da entrada do Brasil na atual conflagração mundial. In: **A voz do estudante**, Teresina, 1943, p. 7. Arquivo Público do Piauí.

<sup>228</sup> Também se encontra disponível para leitura no Arquivo Público do Piauí.

<sup>229</sup> GONÇALVES, Waldir. Discurso de aniversário do Ginásio Demóstenes Avelino. In: **Zodiaco**, Teresina, 1943, p. 7. Arquivo Público do Piauí.

<sup>230</sup> Segunda frente aberta com a invasão da Itália pela Sicília em 1943. Afinal, a segunda frente aberta seria o destino da Força Expedicionária Brasileira um ano após.

<sup>231</sup> RÉGO, Moura. O começo do fim. In: **Zodiaco**, Teresina, 1944, p. 11. Arquivo Público do Piauí.

Não foi uma luta comum! A dicotomia delineada do bem *versus* mal, ordem *versus* anarquia, civilização *versus* barbárie, Deus *versus* Demônio reforça muito a ideia do americanismo como destaca Mônica Pimenta Velloso.<sup>232</sup> Não bastaria somente vencer, mas mostrar que no Brasil impera as leis e virtudes cristãs, e que toda luta contra a o “mal” era um luta válida nessa “cruzada cristã” contra barbárie.

Afinal, a revista também apresentou valores marciais em algumas publicações. A exaltação de personalidades do Exército Brasileiro foi citada nas publicações de ambas revistas. No entanto, no *Zodiaco*, no artigo intitulado “A Grandeza do Brasil” escrito por Fauzer Bucar, remontou às belezas do Brasil, principalmente às quais ele considerava ser algo perecível de atenção por sua grandeza. Ele iniciou citando as grandezas naturais e, logo após, fechou com a descrição de algumas belezas do Brasil. Dentre os símbolos, ele destacou a bandeira do Brasil. Para ele,

[...] nossa bandeira representa maravilhosamente as nossas riquezas, quais sejam: – o verde, as nossas matas; o amarelo o nosso ouro; o azul o nosso céu; aquela faixa branca, a paz que reina em todo território nacional; e ainda as palavras adotadas por todos bons brasileiros: – “Ordem e Progresso”.<sup>233</sup>

Ainda por cima, ele elencou os símbolos marciais da Guerra do Paraguai.

É de dever de todo brasileiro, amar sempre o Brasil, e defendê-lo principalmente em tempo de guerra, dando por ele o que mais prezamos: – a nossa vida. Assim procedendo, permaneceremos sempre como verdadeiros heróis, dignos de sua Pátria, como Caxias, como Osório, e muitos outros.<sup>234</sup>

Não foi despretensioso citá-los. Eric J. Hobsbawm falou a respeito dos “símbolos” e como seriam entremeados ao visar identifica-los com as pessoas aos quais são dedicados. Afinal, essa foi a grande marca das mídias da primeira metade do século XX.<sup>235</sup> Certamente, eles pretendiam vincular esses símbolos militares aos símbolos nacionais. Desse modo, não seria diferente com a evocação da figura de Caxias, o patrono do Exército e de Osório que representava o verdadeiro soldado.

## JUVENTUDE ÀS ARMAS: EFEITOS DA MOBILIZAÇÃO SOBRE AS FILEIRAS DO EXÉRCITO

<sup>232</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural no Estado Novo. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge; *et al.* **O tempo do nacional-estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 167

<sup>233</sup> BUCAR, Fauzer. A grandeza do Brasil. In: **Zodiaco**, Teresina, 1944, p. 57. Arquivo Público do Piauí.

<sup>234</sup> Idem.

<sup>235</sup> HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1870**: programa, mito e realidade. Trad. Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 170.

Ao remetendo-nos novamente a Jon Savage, pretendemos remeter a um ponto importante na sua discussão sobre a recepção da guerra pela juventude *yankee*. Ele destaca que houve um aumento considerável de jovens apresentando-se para o serviço militar, justamente por causa do súbito ataque que os norte-americanos sofreram, e deu início à sua participação na guerra.

Depois de Pearl Harbor – e a declaração de guerra da Alemanha contra a América no dia 12 de dezembro –, as agências de recrutamento ficaram lotadas. Como uma máquina de cortar madeira, as forças armadas americanas demoraram para adquirir velocidade: aqueles convocados em 1942 só estariam totalmente treinados um ano depois. As tensões da adaptação à vida militar eram consideráveis: no verão de 1942, cerca de 14 mil homens enchiam os centros de recepção e campos de treinamento por dia. Muitos eram recém-saídos da escola secundária, depois que a idade para se alistar baixara para 18 anos.<sup>236</sup>

Convenientemente, esse fato nutre nossa análise para estabelecer um parâmetro ao analisar a realidade brasileira, ou melhor, particularizando à realidade piauiense, cujos cenários marcaram por alguns contrastes. Certamente, mediante a propaganda efetuada pelos periódicos e revistas, somado ao clamor da mocidade e dos intelectuais para sentar praça no exército não se reverteu no aumento de jovens às fileiras do Exército, principalmente quando falo dos secundaristas. O porquê será esclarecido em linhas póstumas.

Houve no Brasil uma ideia anti-marcial por parte dos jovens letrados. O quadro esclarece a afirmação quando nos remetemos à história da Lei do Serviço Militar. Para Celso Castro, a vitória prussiana na guerra de 1870-71 definiu a conscrição definida na obrigação do serviço militar, tornou-se exemplo a ser seguido, como foi ressaltado analisando a consolidação da conscrição na Europa, por Jon Savage. No entanto, a lei do Serviço Militar foi envolvida num grande alvoroço e combate de ideias, porque alguns setores da sociedade não eram a favor da lei. Mediante toda discussão, em 1908 foi efetivado a lei do Sorteio Militar, mas a ela apresentava muitas falhas.

A lei era falha em muitos pontos. Previa, por exemplo, a intimação dos sorteados. Estes eram notificados pelos funcionários dos correios, que deveriam trazer um documento assinado pelo sorteado. Não sendo encontrado o sorteado no endereço, ficava prejudicada a notificação. As juntas julgadoras dos insubmissos geralmente os absolviam, dada a precariedade desse sistema. Segundo o art. 18 do Código Penal, não se podia punir alguém que tivesse praticado um crime sem intenção.<sup>237</sup>

---

<sup>236</sup> SAVAGE, Jon. Op. cit., p.396

<sup>237</sup> CASTRO, Celso. **Exército e nação**: estudos sobre a história do exército brasileiro. Rio de Janeiro: FGV, 2012. p. 79-80

Legitimando o quadro, com a difusão da ideia de que as armas devem ser preenchidas pela juventude, ávida pela aventura e pelo desapego, a lei não obtinha igual vigência a todos. E a grande discussão enfatizava constantemente questionamentos sobre o porquê de os pobres servirem, ao contrário dos mais abastados. Robert Ames Hayes abordou o problema fundamental que maculou a imagem do Exército até um pouco antes da guerra:

Em 1908 foi aprovada uma nova lei do serviço militar; ela apresentava falhas e os convocados para o Exército continuavam sendo das classes menos favorecidas da sociedade. [...] em 1913, os recrutas do Exército eram oriundos principalmente do Nordeste, os retirantes das secas, os que eram inaptos para atividades comuns, os criminosos mandados pela polícia e os trabalhadores urbanos desempregados.<sup>238</sup>

Ou seja, o serviço das armas, era algo que historicamente se destinou aos párias da sociedade. Geralmente, quem desenvolvia carreira de militar como oficiais ou como bacharéis, seriam filhos dos militares. Fez até surgir, durante um tempo a popular referência como “Doutor Tenente”<sup>239</sup>. Alguns pontos dessa formação mudaram porque o Estado Novo após subir ao poder, procurou fortalecer o Exército, sem falar que desde a Missão Militar Francesa, as armas brasileiras já vinham modificando algo na sua formação, mais voltada para o veio militar. No entanto, houve um fosso entre o militar e o civil. A imagem, de certa forma passava pela descriminalização, mas era algo que refletia muito fortemente na sociedade piauiense. Algo mais preponderante na Lei do Serviço Militar mudou justamente com o regime, porque exigia que o civil apto para o serviço se apresentasse. Caso fosse declarado inapto, receberia o certificado de reservista. Ele era agora um importante componente na vida civil, mudança pensada pelo General Góis Monteiro.<sup>240</sup>

No entanto, resta a pergunta: mediante aos discursos que apresentamos, porque que as representações sobre o Exército ressaltam uma imagem positiva? Do ponto de vista estratégico, o objetivo pretendeu combater essa má representação. A propósito, houve um problema estrutural embaraçoso, porque os discursos abordaram algo que pouco aconteceu no âmbito da sociedade piauiense. Geralmente, os secundaristas quando chegaram à idade do serviço militar, preferiram ingressar em unidades como o Tiro de Guerra e a Escola de Instrução Militar, como alternativa que driblava o serviço militar e para receber a reservista de 2ª categoria. Vale ressaltar que o Tiro de Guerra representou a ideia de formação de reservas para o Exército,

---

<sup>238</sup> HAYES, Robert Ames. **Nação Armada**: a mística militar brasileira. Trad. de Delcy G. Doubrava. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991. p. 102.

<sup>239</sup> MCCANN JR., Frank D. **Soldados da pátria**: a história do Exército brasileiro, 1889-1937. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>240</sup> CASTRO, Celso. Op. cit., p. 81; MCCANN JR., Frank D. op. cit. p. 551-552.

certamente não se constituíram como opção de serviço. Consequentemente, pouquíssimos deles ingressaram ao Exército nessas condições, salvo o ano de 1943, quando o Tiro de Guerra n. 79, da cidade de Teresina converteu-se a 3ª Cia. do 25º Batalhão de Caçadores.<sup>241</sup>

Eventualmente, os que vestiram à farda eram pobres, e homens oriundos do interior do Piauí e do Maranhão, para Clarice Helena Santiago Lira

uma das possíveis razões para entender-se o interesse de esses homens quererem ingressar nos contingentes do Exército naquele momento de guerra podia ser encontrada na produção propagandista feita pelo Estado, tanto em nível federal quanto estadual, com forte apelo patriótico. Outro possível motivo, que também deve ser levado em consideração, pode estar relacionado às próprias deficiências socioeconômicas pelas quais passava o País; razão pela qual '[...] alguns dos recrutados viam na instituição militar a garantia de um emprego, refeição, abrigo, que não teriam certeza de obter em outro lugar [...]'.<sup>242</sup>

A vida de praça do 25º BC, por mais que fosse veiculada como extensão da família, indubitavelmente não se configurou como primeira opção dos estudantes secundaristas. O contato com a elite intelectual piauiense, o contato das ideias fomentava efeitos que se refletiam diretamente na formação de uma elite intelectual ascendente. Vale lembrar que não foram muitos jovens que estudavam nesses ginásios. Em suma, seria os filhos da elite de Teresina que seriam destinados logo após ao estudo nas faculdades de Direito e Medicina. Afinal, se almejassem seguir carreira militar, não seriam como praças, e sim como oficiais, já que a reputação e o gozo financeiro compatibilizariam com a preparação intelectual deles. No entanto, os efeitos do discurso não tiveram grandes efeitos em pôr a mocidade avante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto anteriormente, as revistas procuraram construir a representação com o intuito de repercutir os anseios do Estado Novo por mobilizar e preencher as fileiras das armas brasileiras. Dessa forma, os estudantes secundaristas por meio das revistas obtiveram uma participação ativa na divulgação de ideias de patriotismo, da família e valores cristãos, porque o tempo de guerra exigiu a mobilização e unificação dos brasileiros para enfrentar o inimigo externo.

---

<sup>241</sup> Vale ressaltar que esse quadro aparece no Diário Oficial e no Gazeta. Esses dois jornais estiveram presentes no quadro de fortalecimento das notícias relacionadas à guerra. Quando havia inscrições nas instituições, os dois periódicos eram os responsáveis por informar notificar os selecionados para o serviço.

<sup>242</sup> LIRA, Clarice Helena Santiago. Op. Cit., p. 96.

Reparamos que os estudantes assim como os intelectuais piauienses tiveram os seus discursos divulgados e com apoio do DIP foram disponibilizados para a juventude, visando fortalecer os valores marciais na juventude. Houve tentativas de desvincular-se da imagem atribuída ao Exército Brasileiro como lugar de párias da sociedade.

No entanto, os discursos construídos não conseguiram reverter em ampla mobilização para as fileiras do Exército, principalmente quando esses jovens preferiam outras formas de obter o certificado de reservista a servir no 25º BC. Afinal, durante o período de guerra, o discurso intensificava-se, mas na contramão do efeito que deveria obter, a mocidade de origem humilde eram os principais visados para ingressar no serviço militar. Ao contrário dos que emanavam discursos de encorajamento, que preferiram seguir a carreira acadêmica às armas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Johny Santana de. **Bravos do Piauí! Orgulhai-vos...** a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai, 1865-1866. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

BONALUME NETO, Ricardo. **A Nossa Segunda Guerra**: os brasileiros em combate, 1942-1945. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1995.

CASTRO, Celso. **Exército e nação**: estudos sobre a história do exército brasileiro. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

COGGIOLA, Osvaldo (org.). **Segunda Guerra Mundial**: um balanço histórico. São Paulo: Xamã; USP; FFLCH, 1995.

FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: testemunho e depoimento de um soldado convocado. Brasília: UNB, 1999.

FERREIRA, Jorge; *et al.* **O tempo do nacional-estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HAYES, Robert Ames. **Nação Armada**: a mística militar brasileira. Trad. de Delcy G. Doubrawa. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1870**: programa, mito e realidade. Trad. Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LIRA, Clarice Helena Santiago. **O Piauí em tempos de guerra**: mobilização local e as experiências dos contingentes da FEB. Dissertação. 159p. Teresina. UFPI, 2008.

**Humana Res**, v. 1, n. 1, 2019, p. 167 - 178. ISSN:

MCCANN JR, Frank D. **Aliança Brasil-Estados Unidos**, 1937-1945. Trad. Jayme Taddei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995.

\_\_\_\_\_. **Soldados da pátria**: a história do Exército brasileiro, 1889-1937. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Trad. Helen Rumjaneck. Porto Alegre: L&PM, 2004.

PIAUI. **Revista a voz do estudante**, Teresina, 1942. Arquivo Público do Piauí.

\_\_\_\_\_. **Zodiaco**, Teresina, 1944. Arquivo Público do Piauí.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. São Paulo: Nova Fronteira, 1989.